
scroll down for english

MEMÓRIA – MEMORIAL

*Meerina Eremu – Bernaldina José
Pedro (1945 – 2020), povo Makuxi.
Terra Indígena Raposa Serra do Sol,
Roraima/Brasil.*

Para ela, adotar era o mesmo que adorar. Ela só falava a linguagem do amor. Foi dessas que só sabia amar a ponto de dar seu lugar no mundo para alguém mais jovem experimentar o que ela tinha de sobra, vida e alegria.

Amorosa deveria ser seu nome, uma mulher que parece ter sido gerada em um favo de mel, de tão doce que era. Agradeço aos seus

pais por darem a mim essa mãe maravilhosa, uma mãe completa.

Ah, ela gostava de abraçar, afagar, cuidar e especialmente cantar, sua nave para o pleno êxtase era o canto. Tinha aquela fé de mover montanhas – e foi de entre as montanhas que fez descer para o mundo as águas de suas raízes. É das entranhas da terra, por quem sempre lutou para garantir o berço para guardar seu corpo, por merecimento.

Conseguiu a liberdade de nosso povo e pode viver a paz, mesmo que momentânea. A luta lhe foi generosa e, ao menos por um tempo, lhe deu tempo para refletir, desfrutar do silêncio antes impossível, dado ao tempo das correrias.

De tempo bem entendia, e atendia aos desígnios da fé e do talento nas horas mais improváveis para os simples comuns. Tomava banho, cantava, rezava e por tradição, fazia o rito da gratidão sempre às três horas da madrugada, ou às duas, ou a

uma hora, ou mesmo nem dormia como no tempo das vigílias.

O grande mundo sempre a fascinou, era muito curiosa, queria sempre conhecer. Foi desse mundo grande que vieram os maiores sofrimentos, a violência que a ganância promove. Caminhou resistindo sempre serena pisando em diamantes. Sabia que os cristais eram sagrados e que Deus deixou aquilo lá para ficar lá para sempre, pois é sagrado.

Lutou cantando. Conflitos a deixaram viúva muito cedo, mas nunca desistiu de sua entrega, de criar e amar cada filho, com a mesma intensidade, e que viessem mais e mais.

Percorreu o mundo e, embora poucos mencionassem, era uma artista singular.

Foi merecedora de muitos dons, ou, não exatamente isso, o fato é que sabia que caminhar por aí iria lhe exigir saber das estratégias. Assim, falava um

português próprio, sua língua mesmo era a makuxi - e o amor incondicional pela vida, pela fartura, pelo belo, pelo alegre e colorido. Gostava de dançar, tomar caxiri e dar bons conselhos.

Por ironia, foi o amor à sua casa, à nossa causa, que a fez sair da quarentena para “cuidar das coisas”. Foi sem ter certeza de nada para as montanhas onde esperava estar mais escondida da terrível peste que se manifestava.

Ela dizia: esses brancos já criaram outra doença e ainda ficam falando toda hora sobre isso.

Como medida preventiva, combatia as doenças fazendo rituais. Usava resinas de árvores, pimentas, sopros, dava ordens enérgicas para que o bicho da doença não se aproximasse do nosso esconderijo.

Tenha quase certeza que foi por amar demais que minha mãe contraiu o vírus, adoeceu e partiu. Deve ter sido dando algum abraço, ou benzendo alguma

criança adoentada, ou fazendo suas honrarias de bem receber em sua comunidade qualquer um que por lá chegava.

Foi amando que a vovó adoeceu. Como poderia suspeitar que ao servir seu amor ao outro poderia encontrar precocemente a morte?

Então, é desse amor absoluto que devemos nos lembrar, sempre. Não tinha hora para ser prestativa. Ainda tinha muita força e serenidade. Os 75 anos de idade não combinavam com seu espírito puro de uma criança cheia de vida.

Nunca teve medo de partir, mas também achou que dessa forma, não foi uma boa passagem. Então, botamos a sua triste partida na conta de nosso maior inimigo, o governo assassino do Brasil, que não faz o mínimo esforço para garantir a aplicação dos direitos dos povos indígenas razão maior de nossa luta.

A memória de Meerina não pode ser apenas de doçura, mas

de bravura, como bem fazia,
ao fechar o semblante diante
das injustiças. Era quando o
passarinho virava onça e defendia
os humilhados com a própria vida.
A liderança natural da guerreira
Meerina deve inspirar a revolução.
Lutemos por justiça, sempre com
amor e boa memória.

**DEPOIMENTO DO ARTIVISTA JAIDER ESBELL,
FILHO ADOTIVO DA VÓ BERNAL**

IN MEMORY OF – MEMORIAL

Meerina Eremu – Bernaldina José
Pedro (1945 – 2020) Makuxi people.
Raposa Serra do Sol Indigenous
Land, Roraima/Brazil.

*For her, adopting was the same
as adoring. She only spoke the
language of love. She was one of
those people who only knew how to
love to the point of giving her place
in the world to someone younger to
experience what she had to spare,
life and joy.*

*Loving should be her name, a
woman who seems to have been
born out of a honeycomb, because
she was so sweet. I thank her
parents for giving me this wonderful
mother, a complete mother.*

Ah, she liked to hug, to cuddle, to care and specially to sing, her means to full ecstasy was singing. She had that faith to move mountains and it was among mountains that she brought down into the world the water of her roots. She came from the entrails of the earth, for whom she had always fought to secure the cradle to keep her body, by merit.

She achieved the freedom of our people and was able to live in peace, even if it was momentary. The fight was generous to her and, at least for a while, it gave her time to reflect, to enjoy the silence that was impossible before, given the time of rush.

She understood time well, and she attended to the callings of faith and talent at the most unlikely times for the ordinary person. She bathed, sang, prayed and, following tradition, performed the rite of gratitude always at three o' clock in the morning, or at two, or at one o'

clock, or sometimes she didn't even sleep as in the time of vigils.

The big world always fascinated her, she was very curious, she always wanted to know. It was from this big world that the greatest suffering came, the violence that greed promotes. She walked, always serenely resisting, stepping on diamonds. She knew that the crystals were sacred and that God left them there to stay there forever because they are sacred.

She sang while she struggled. Conflicts made her become a widow very early, but she never gave up on her devotion, to raise and love each child, with the same intensity, and let more and more come.

She toured the world and, although few mentioned it, she was a singular artist.

She was deserving of many gifts, or not quite that, the fact is that she knew that to walk around the world she would need to

know some strategies. Thus, she spoke her own Portuguese, her own language was Makuxi and her unconditional love for life, for abundance, for the beautiful, for the joyful and colorful. She liked to dance, to drink caxiri¹ and to give good advice.

Ironically, it was her love for her house, for our cause, that got her out of quarantine to “take care of things”. She went unsure of anything to the mountains where she hoped to be hidden from the dreadful plague that was looming.

She said: these white people have already created another disease and moreover they keep talking about it all the time.

As a preventive measure, she fought illnesses by performing rituals. She used resin from trees, peppers, blows, gave energetic orders so that the critter of disease did not come near our hiding place.

—

1/ Caxiri is an Amerindian traditional alcoholic beverage or beer, generally made by fermenting manioc.

You can be pretty sure that it was because of loving too much that my mother contracted the virus, got sick and left. She must have been giving a hug, or blessing some sick child, or doing her honors of welcoming anyone who arrived in her community.

It was by loving that Grandma got sick. How could she suspect that by serving her love to another she could meet death prematurely?

So, it is this absolute love that we must always remember. There was no exclusive time to be helpful. She still had a lot of strength and serenity. Her 75 years of age did not match her pure spirit of a child full of life.

She was never afraid to leave, but she also felt that this way, it wasn't a good passage. So, we put her sad departure under the responsibility of our greatest enemy, the murderous government of Brazil, which makes no effort to guarantee the application of the

right of Indigenous peoples, the main reason for our struggle.

Meerina's memory can't be just one of sweetness, but one of bravery, as she did well, frowning in the face of injustice. It was when the bird turned into a jaguar and defended the humiliated with its own life. The natural leadership of the warrior Meerina must inspire the revolution. Let us fight for justice, always with love and good memories.

**TESTIMONIAL BY ARTIVIST JAIDER ESBELL,
GRANDMA BERNAL'S ADOPTED SON**